

Polarização Lula-FHC marca campanha civilizada

Sucessão provocou o racha do PMDB

A disputa presidencial provocou mais uma crise interna no PMDB, que se dividiu entre o apoio ao candidato do partido, Orestes Quércia, e o candidato tucano, Fernando Henrique Cardoso. A polêmica em torno do nome de Quércia, no entanto, começou antes mesmo da campanha, e não terminou nem mesmo quando ele disputou as prévias do PMDB. O senador José Sarney, que renunciou às prévias, aparecia como o 2º colocado nas pesquisas eleitorais, atrás apenas de Lula, e foi um dos mais cogitados para concorrer à Presidência da República. Quércia disputou as prévias com Roberto Requião e venceu com 79% dos votos, embora 52% dos militantes do PMDB em todo o País não tenham comparecido.

Decidido a romper com o Governo, Quércia enfrentou a oposição de várias lideranças no Congresso, a começar pelo presidente do PMDB, deputado Luiz Henrique. Para evitar novas divisões, Quércia assumiu tom brando com relação ao governo Itamar, mas em sua campanha crítica o Plano Real, defendido pelos colegas que optaram pelo apoio a Fernando Henrique.

Cobiçado — Fora da disputa, Sarney passa a ser a figura política mais cobiçada dos presidencialistas. “O PSDB precisa do apoio dele”, chegou a afirmar Cardoso, atropelado pelo ex-presidente nas pesquisas, antes das prévias do PMDB. “Não acredito que ele vá me apoiar, mas não seria de todo mal receber seu apoio. Seria bem-vindo, porque todo ex-presidente tem pelo menos 10% dos votos”, afirmou Lula, ao cogitar o apoio de Sarney para sua candidatura, no início de junho. “Sou o segundo beneficiário dos votos de Sarney”, disse o candidato Esperidião Amin. O suspense em torno do apoio de Sarney só foi quebrado em julho, quando o ex-presidente resolveu apoiar Fernando Henrique.

Campanha ‘detonou’ dois ministros

As denúncias feitas pelo PT de uso da máquina do Governo para beneficiar a candidatura tucana deram origem a várias representações no TSE contra Fernando Henrique Cardoso e provocaram mudanças na equipe ministerial de Itamar Franco. A maior delas resultou na demissão forçada do ministro da Fazenda, Rubens Ricupero, braço direito de Itamar na condução do Plano Real.

Ricupero teve que sair depois que as antenas parabólicas captaram uma conversa informal entre ele e o jornalista Carlos Monfort nos estúdios da TV Globo, no início de setembro. Ricupero chegou a afirmar que as entrevistas na emissora seriam “bom para o real, bom para mim e bom para ele” (Fernando Henrique).

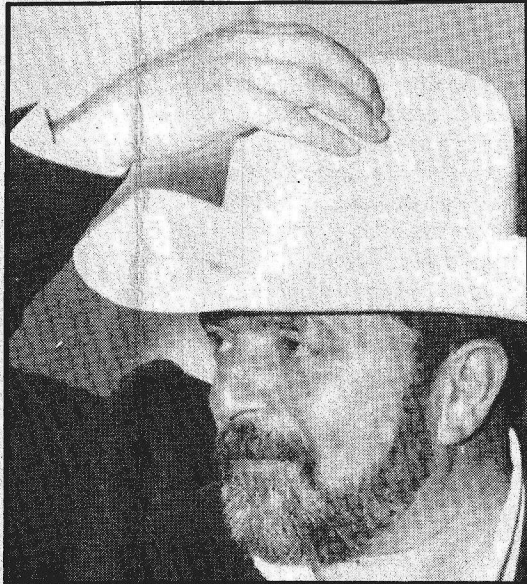
Bomba — A “bomba” do caso Ricupero significou para Lula um pavio aceso em meio à pólvora, mas, mal utilizada, não teve o impacto esperado. A partir daí, o PT iniciou uma campanha ostensiva para denunciar o uso da máquina pelo Governo e evitar que FHC continuasse a ser beneficiado. Com esse fim, Lula, Brizola e Amin costuraram uma “aliança jurídica”. Era o pacto entre adversários contra o favorecimento a Fernando Henrique.

Nova denúncia sobre o uso da máquina do Governo provocou o pedido de demissão do ministro das Minas e Energia, Alexis Stepanenko, por sua insistência em vincular a inauguração de obras do seu ministério à candidatura tucana. Ele deixava o Governo duas semanas após o afastamento de Ricupero.

O candidato da Frente Brasil Popular, Luiz Inácio Lula da Silva, também foi alvo de acusações por prática de “crime eleitoral”, ao usar o carro de som do Sindicato dos Metalúrgicos, para realizar comício no ABC paulista, no dia 23 de maio. “Não é a primeira nem a última vez que venho aqui”, reagiu Lula. Dois dias depois, num debate patrocinado pela Associação Comercial do Rio de Janeiro, ele desafiou a Justiça, provocado pelas críticas dos adversários. “Entre o legal, o justo e o legítimo, prefiro os últimos”, disse. (AE)



Se segura peão! Na hora de laçar eleitor no rodelo do voto, o chapéu vale para os dois



Fotos: Arquivo



Lula e FHC disputam voto no mesmo terreiro. Caetano já mudou. As bênçãos irão para um só



Quércia bate boca na TV com o jornalista Ruy Xavier antes de adotar estilo soft de campanha

ARLINDA CARVALHO

Foram cinco meses de campanha morna, sem grandes surpresas nem empolgação popular. Polarizada desde o primeiro momento entre os candidatos da coligação PSDB-PFL-PTB, Fernando Henrique Cardoso, e do PT, Luiz Inácio Lula da Silva — que em nenhum momento foram ameaçados pelos índices dos demais concorrentes —, a campanha presidencial de 1994 vai passar para a história como uma das mais civilizadas do País: apesar dos ataques, ninguém baixou o nível ou partiu para a agressão pessoal. Em tempos de moralização dos costumes políticos, as denúncias de corrupção estiveram no centro do debate, e derrubaram dois vices e um candidato. Com origens políticas semelhantes nas forças de centro-esquerda que combateram o regime militar, Fernando Henrique e Lula não protagonizaram um confronto ideológico. Na verdade, o fator diferencial desta eleição apareceu sob a forma de um grande cabo eleitoral: o Plano Real.

A vantagem de Lula, que saiu na frente e iniciou o mês de maio liderando as pesquisas de intenção de votos, levou militantes e partidários ao clima de “já ganhou”. Isso, na opinião do próprio candidato, prejudicou a sua campanha. Ele mesmo, porém, foi contagiado pelo discurso da vitória. “O PT é hoje o senhor da situação”, afirmou, no dia 30 de abril, ao tomar café com 25 correspondentes estrangeiros, em Brasília. Nas pesquisas, Lula aparecia em primeiro lugar, com 34% das intenções de votos, 17 pontos acima do seu principal adversário, Fernando Henrique Cardoso. A campanha ainda não tinha decolado.

Dois meses depois, o candidato tucano ganha fôlego e joga toda sua expectativa no Plano Real, lançado em 1º de julho. “A campanha já decolou, está em pleno voo”, disse FHC, em Brasília, dois dias após a implantação do Plano. Na segunda quinzena de julho, a diferença entre Lula e Fernando Henrique era de apenas três pontos. O petista caiu para 30%, na preferência do eleitorado, enquanto o crescimento do tucano acontecia em escola contínua. Era o efeito Real.

Alvo — Com o resultado das pesquisas favorável ao candidato tucano, o Plano Real passou a ser alvo de ataques dos outros presidencialistas, que resolveram, apostar no fracasso. “Esse plano é tão bom que esqueceu de aumentar o salário mínimo”, respondeu Lula a Cardoso, ao final do debate promovido pela CNBB, no Centro de Convenções, em Brasília. “O Real vai enterrar o PSDB no segundo turno”, atacou o candidato do PDT, Leonel Brizola, em Cuiabá. Até o candidato Esperidião Amin, do PPR, que iniciou sua campanha fazendo elogios ao Plano, passou a criticar o adversário tucano. “Esse Plano

Real tem menos defeitos que os anteriores, mas o principal problema é que ele não obedece ao calendário natural, mas ao eleitoral”.

No início de agosto, Cardoso já liderava as pesquisas, com 32% das intenções dos votos, contra os 28% de Lula. Agora, a reboque dos índices mínimos de inflação, seus votos superaram a soma dos votos de todos os candidatos à Presidência.

Vices — Mas não só de Real se faz uma campanha. A crise que resultou na troca dos vices de Cardoso e de Lula movimentou a campanha. Acusado de apresentar quatro emendas ao Orçamento para o município de Buritis (MG), onde tem uma fazenda, o senador José Paulo Bisol (PSB) renunciou ao cargo de vice da chapa de Lula, expondo a Frente Brasil Popular a críticas e abrindo mais uma crise na campanha do petista. Os adversários aproveitaram para bombardear Bisol, até então considerado um político acima de qualquer suspeita. No dia 26 de julho, Lula escolheu o deputado Aloízio Mercadante (PT-SP) como novo vice de sua chapa.

A maldição dos vices atingiu também a candidatura tucana. Acusado pelo motorista da Sérvia, Otair de Oliveira, de apresentar emendas para favorecer a empreiteira, ligada ao esquema de corrupção de PC Farias, o senador Guilherme Palmeira, vice de Cardoso, foi afastado da disputa. Numa operação rápida, em seu lugar assumiu o líder do PFL no Senado, Marco Maciel, na madrugada do dia 2 de agosto. Estava armada a luta. Atacado por Aloízio Mercadante como “capacho da ditadura militar”, Maciel passou a ser o alvo dos discursos de Lula e de seu vice. “O único que não está no partido deles é PC farias”, reagiu Lula, referindo-se à aliança do PSDB com o PFL.

O maior desconforto que Maciel trouxe à candidatura tucana, no entanto, foi a acusação de que teria recebido ajuda financeira de PC Farias para sua campanha à reeleição, em 1990. A denúncia, feita à revista Veja, em setembro, pelo comerciante Fábio Catão, deu origem a um novo inquérito na Polícia Federal para descobrir outras infiltrações do esquema PC. O escândalo, porém, não abalou a candidatura de Fernando Henrique Cardoso, já que nada ficou provado.

O PT de Lula também foi acusado de receber um cheque do doleiro Najum Turner, envolvido no esquema PC. A denúncia, publicada na revista IstoÉ, em agosto, deu margem a ataques dos adversários do candidato petista. Mas também caiu no vazio e o partido ainda obteve na Justiça o direito de resposta à revista. Houve ainda insinuações, por parte de um juiz do Rio, durante viagem à Itália, que “um partido brasileiro” estaria recebendo “dinheiro sujo” do exterior. Mas nada ficou provado contra o PT.